

Doutrina da Reencarnação

(Textos selecionados do livro “Reencarnação” de Swami Abhedananda)

Os fenômenos visíveis do universo estão ligados pela lei universal de causa e efeito. O efeito é visível ou perceptível, enquanto que a causa é invisível ou imperceptível.

Cada ação do corpo ou da mente que efetuamos, cada pensamento que pensamos se sutaliza e se armazena em forma de um *samskara* ou impressão em nossas mentes. Permanece latente durante um tempo e logo se eleva em forma de onda mental e produz novos desejos.

Swami Abhedananda afirma que os *samskaras* (ou impressões sutis e adormecidas) moldam o caráter e do destino do ser humano. O nível subconsciente da mente é o depósito dos *samskaras* energizados. O homem é um instrumento nas mãos de seus *samskaras*, mas pode controlá-los criando *contra-samskaras*, assim como os hábitos são vencidos por hábitos contrários. O homem cria sempre seu futuro, colhendo as consequências do presente e durante esse processo está emaranhado no ciclo do nascimento e da morte. Os hindus acreditam na teoria da reencarnação. Sabem que o espírito ou *Atman* é imperecível, imortal; este toma o corpo como sua vestimenta a fim de trabalhar para a salvação do homem e colher os resultados da ação passada deste no mundo fenomenal. A alma ou *Jivatman* atravessa os graus do progresso gradual e, finalmente, sobe à meta última e alcança a perfeição.

A ideia da Reencarnação se difundiu tão rapidamente entre os cristãos primitivos, que Justiniano se viu obrigado a suprimi-la, ditando uma lei no Concílio de Constantinopla, em 538 d.C. A lei era esta: “Quem quer que sustente a apresentação mística da preexistência da alma e a consequente prodigiosa opinião de seu retorno, seja Anátema”.

A maioria dos filósofos alemães da Idade Média e de tempos recentes preconizaram e sustentaram a doutrina da reencarnação. Existem muitas citações nos escritos dos grandes pensadores, como Kant, Scoto, Schelling, Fichte, Leibnitz, Schopenhauer, Giordano Bruno, Goethe, Lessing, Herder e muitíssimos outros.

Cientistas como Flammarion e Huxley sustentaram esta doutrina da Reencarnação. O professor Huxley disse: “Ninguém, salvo os pensadores apressados, a desprezaram sobre a base de um absurdo inerente. Como a doutrina da evolução, a da transmigração tem suas raízes no mundo da realidade”. (*Evolução e Ética*, pág. 61).

Walt Whitman disse em Folhas de Erva:

“Enquanto a ti, Vida, reconheço que és os restos de muitas mortes,
Sem dúvida, eu mesmo morri dez mil vezes antes”.

Passagens similares podem ser citadas de quase todos os poetas de diferentes países. Até entre as tribos aborígenes da África, Ásia, América do Norte e do Sul, se encontrarão vestígios desta crença no renascimento das almas. Quase três quartas partes da população da Ásia acreditam na doutrina da reencarnação e através dela encontram uma

explicação satisfatória do problema da vida. Não há religião que negue a continuidade da alma individual depois da morte.

Quem não crê na reencarnação, explica o mundo de desigualdades e diversidades mediante a teoria do nascimento único, ou mediante a teoria da transmigração hereditária. No entanto, nenhuma destas teorias é suficiente para explicar as dificuldades que encontramos em nossa vida cotidiana.

Duas grandes religiões, o judaísmo com seus dois rebentos (o cristianismo e o Islamismo) e o zoroastrismo sustentam, todavia, a teoria do nascimento único. Seus adeptos, fechando os olhos ante o absurdo e irracionalidade de tal teoria, crêem que as almas humanas se criam do nada no momento de nascerem seus corpos e que continuam existindo, por toda a eternidade, para sofrer ou gozar devido às ações realizadas durante o breve período de sua existência terrena. Aqui surge a pergunta: por que há de se responsabilizar um homem, por toda a eternidade, das obras que se viu forçado ou predestinado a realizar pela vontade do senhor do universo?

A teoria da predestinação e a graça, ao invés de explicar a dificuldade, converte Deus em parcial e injusto. Se Deus onipotente criou as almas humanas do nada, não poderia fazer com que todas elas fossem igualmente boas e felizes? Por que Ele faz com que um desfrute das bênçãos da vida e outro sofra todas as aflições por toda a eternidade?

Algumas pessoas tratam de salvar Deus desta acusação de parcialidade e injustiça dizendo que todas as coisas boas deste universo são Suas e que todas as obras más são do demônio ou satã. Deus criou o bem, mas foi satã quem introduziu o mal neste mundo.

Outro argumento que os vedantistas adiantam em apoio da teoria da reencarnação é que: “No universo nada se destrói”. A destruição no sentido da aniquilação de uma coisa é desconhecida para os filósofos vedânticos, tal como é desconhecida para os cientistas modernos. Eles dizem: “a não-existência jamais pode converter-se em existência e a existência jamais pode converter-se em não-existência”; ou, em outras palavras, que o que não existiu não poderá existir jamais e o que existe em alguma forma jamais poderá converter-se em não-existente. Esta é a lei da natureza. Como tal, as impressões ou ideias que agora temos, junto com os poderes que possuímos, não serão destruídos senão que permanecerão conosco em uma forma ou outra. Nossos corpos podem mudar, mas os poderes, o karma, os samskaras ou impressões e os materiais que manufaturaram nossos corpos, deverão permanecer em nós em uma forma imanifestada. Jamais serão destruídos. Além do mais, a ciência nos diz que o que permanece em um estado imanifestado ou potencial deverá, em um tempo ou outro, se manifestar em uma forma cinética ou real. Portanto, obteremos outros corpos, mais cedo ou mais tarde.

Por esta razão se diz no Bhagavad Gita: “O nascimento seguirá a morte e a morte seguirá o nascimento”. Cada gérmen de vida deverá atravessar tal série continuamente recorrente de nascimentos e mortes. Outra consideração é que o princípio, o fim e a continuação são conceitos da mente humana; seu significado depende inteiramente de nosso conceito de tempo. Mas todos sabem que o tempo não tem existência absoluta. É meramente uma forma de conhecer a nossa própria existência, em relação com a da natureza. O conceito de tempo se desvanece com o sono da morte, tal como ocorre todas as

noites quando dormimos profundamente. A morte se parece com o estado de nosso sono profundo.

Depois da morte, a alma desperta e coloca ou manufatura o traje de um novo corpo, de igual modo com que colocamos roupas novas depois de tirar as velhas e gastas. Assim a alma continua manifestando-se uma e outra vez no plano humano ou qualquer outro plano da existência, estando atada pela lei do karma, ou de causa e efeito.

Aqui pode-se perguntar: se existimos antes de nosso nascimento, por que não lembramos? Esta é uma das mais vigorosas objeções contra a crença na pré-existência. Algumas pessoas negam a existência da alma no passado simplesmente porque não podem lembrar-se dos acontecimentos de seu passado. Outras, por sua vez, que têm a memória como norma da existência, dizem: se nossa memória do presente cessa de existir no momento da morte, com ela também cessaremos de existir - não podemos ser imortais; porque eles sustentam que a memória é a norma da vida e se não lembramos, então não somos os mesmos seres.

A Vedanta responde a estas perguntas dizendo que é possível que nos lembremos de nossas vidas passadas. Quem leu o livro *Raja Yoga*, de autoria de Swami Vivekananda, recordará que no aforismo 18º, do capítulo terceiro, se diz: “Mediante a percepção dos samskaras, alguém pode adquirir o conhecimento das vidas passadas”. Aqui os samskaras significam as impressões da existência passada, que estão adormecidas em nosso eu subliminar e jamais se perdem. A memória é tão somente o despertar e o surgimento das impressões latentes por cima do umbral da consciência. Um raja yogui, mediante poderosa concentração sobre estas impressões adormecidas da mente subconsciente, pode lembrar de todos os acontecimentos de suas vidas passadas. Na Índia, houve muitos casos de yoguis que podiam conhecer não somente suas próprias vidas passadas, mas também as dos demais. Diz-se que Buda recordava quinhentos de seus nascimentos anteriores.

Os yoguis sabem como desenvolver a memória e como ler as vidas passadas. Dizem: o tempo e o espaço existem em relação à nossa presente condição mental; se podemos nos elevar acima deste plano, nossa mente superior vê o passado e o futuro tal como vemos as coisas ante nossos olhos. Quem deseja satisfazer a vã curiosidade de suas mentes, podem gastar sua energia tentando recordar suas vidas passadas. Mas creio que nos será muito mais útil se consagrarmos nosso tempo e energia em modelar nosso futuro e em sermos melhores do que somos agora, porque a lembrança de nossa condição anterior só nos forçará a fazer mau uso da atual.

Portanto, devemos considerar como uma grande bênção que não tenhamos lembranças de nossas vidas e ações passadas. A Vedanta diz: não gaste mal seu valioso tempo pensando em suas vidas passadas; não olhe para trás durante a fastigiosa jornada através das diferentes etapas da evolução; olhe sempre para diante e primeiro trate de alcançar o ponto supremo do desenvolvimento espiritual, então, se quiser conhecer suas vidas passadas, as recordará todas. Tudo é conhecido pelo Conhecedor do Universo. Quando o divino Eu Onisciente se manifestar através de você, o tempo e o espaço se desvanecerão e o futuro se transformará em eterno presente. Então dirá, como Sri Krishna disse à Arjuna, no *Bhagavad Gita*:

“Você e eu atravessamos muitas vidas; você não lembra nenhuma, mas eu tenho lembrança de todas”. (Capítulo IV, 5).

As assombrosas realizações da ciência moderna têm aberto, a cada dia, novos portais da sabedoria e aproximado lentamente, cada vez mais, as mentes humanas à Realidade Última do universo. O fogo do conhecimento aceso pela ciência já incendiou muitos dogmas e crenças, considerados sagrados pela superstição do passado, que estavam no caminho das mentes buscadoras da verdade. Em primeiro lugar, a ciência refutou a teoria da criação do universo a partir do nada, mediante a ação de algum poder sobrenatural. Demonstrou que o universo não apareceu em sua forma atual, nem entrou na existência repentinamente há uns poucos milhares de anos, mas que levou idades para atravessar diferentes etapas, antes que pudesse alcançar sua condição atual. Cada uma destas etapas se relacionou diretamente com uma etapa anterior, mediante a lei de causalidade, que sempre opera de acordo com regras definidas. Os fenômenos do universo, segundo a ciência, estão sujeitos à evolução, ou à mudança gradual e ao desenvolvimento progressivo, desde uma condição relativamente uniforme, até uma complexidade relativa. Desde o sistema solar até a menor erva, no universo tudo tomou suas atuais formas através deste processo cósmico da evolução. Nosso planeta terra evoluiu gradualmente, talvez de uma massa nebulosa que existiu, a princípio em um estado gasoso. O sol, a lua, as estrelas, os satélites e demais planetas, entraram na existência atravessando inumeráveis mudanças produzidas pelo estado evolutivo do cosmos. Através do mesmo processo as plantas, os insetos, os peixes, os répteis, os pássaros, os animais, o homem e toda a matéria viva que habita esta terra, evoluíram a partir desses diminutos germens de vida que continuam existindo em suas formas atuais. A teoria da evolução diz que o homem não entrou na existência de repente, mas que está relacionado com animais inferiores e plantas, direta ou indiretamente. O germen da vida atravessou diversas etapas da forma física antes que pudesse aparecer como homem.

Aquele ramo da ciência que se chama Embriologia provou o fato de que “O homem é o resumo de toda criação”. Disse que o corpo humano, antes de nascer, atravessa todas as diferentes etapas do reino animal como pólipo, peixe, réptil, cão, símio e, por último, o homem.

Ao explicar a teoria da evolução, a ciência diz que há dois fatores principais no processo da evolução. O primeiro é a tendência à variante que existe em todas as formas vivas, sejam vegetais ou animais. O segundo é a tendência do meio para influir sobre essa variação, seja favorável ou desfavoravelmente. Sem esta tendência a evolução de qualquer forma de vida seria absolutamente impossível. Porém, a causa dessa inata tendência à variação é ainda desconhecida pela ciência, e dela depende a lei da seleção natural. A variação deve se adaptar às condições favoráveis da vida; em consequência, ou o germen da vida seleciona meios ambientes adequados, ou se transforma a fim de adaptar-se às condições circundantes, se estas são desfavoráveis. Mas o agente deste processo seletivo é a luta pela existência, que é um fator não menos importante. Assim, a evolução depende destas três leis: tendência à variação, seleção natural e luta pela existência. A ciência explica, através destas três leis, a evolução física, mental, intelectual, moral e espiritual da humanidade. Mas a teoria da evolução permanecerá ininteligível até que a ciência possa rastrear a causa dessa inata “tendência a variar” que existe em cada etapa de todas as formas vivas.

Vejamos agora que diz a Vedanta sobre essa questão. A Vedanta aceita a evolução e admite as leis da variação e a seleção natural, mas está a um passo além da ciência moderna, ao explicar a causa dessa “tendência a variar”. Diz: “No final não há nada que já não tenha existido no princípio”. Esta é uma lei que governa o processo da evolução, igual à lei da causalidade. Se admitirmos esta grandiosa verdade da natureza, então não será difícil explicar, mediante a teoria da evolução, a manifestação da natureza superior do homem. A tendência do monismo científico se dirige para esse fim.

Alguns cientistas modernos, que sustentam a posição monística, descobriram a mesma verdade que os filósofos vedânticos, na Índia, descobriram há muito tempo. J. Arthur Thomson, um eminente cientista inglês da atualidade, em seu livro *The Study of Animal Life*, disse: “O mundo é um só, não duplo; o infinito espiritual é a realidade prístina, e no final não há nada que também não tenha existido no princípio”. Mas os evolucionistas não aceitam esta verdade. Entendamos isto claramente. Isto significa que o que existiu potencialmente no tempo no início da evolução, se manifestou gradualmente nas diversas etapas e graus da evolução. Se admitirmos que um gérmen unicelular da vida, ou um bioplasma, após atravessar várias etapas da evolução, se manifesta na forma de um ser humano altamente desenvolvido, então teremos que admitir a potencialidade de todos os poderes manifestados nesse gérmen ou bioplasma, porque a lei é: “o que existe no final, existiu também no princípio”. A natureza animal, a natureza superior, a mente, o intelecto, o espírito, tudo isto existe potencialmente no gérmen da vida. Se não admitimos esta lei teremos um problema. Como pode o inexistente se converter em existente? Como pode alguma coisa sair do nada? Como pode passar a existir o que não existiu antes? Cada gérmen de vida, segundo a Vedanta, possui infinitas potencialidades e infinitas possibilidades. Os poderes que permanecem latentes têm a tendência natural de se manifestarem e de se tornarem reais. Em seu intento, variam de acordo com os meios circundantes, e se manifestam quando houverem condições apropriadas, podendo permanecer latentes enquanto as circunstâncias não forem favoráveis. Portanto, a variação, segundo a Vedanta, é causada por este intento dos poderes potenciais de se tornarem reais. Quando a vida e a mente começaram a evoluir, as possibilidades de ação e reação até ali latentes no gérmen da vida, se tornaram reais e todas as coisas, em um sentido, se tornaram novas. Ninguém pode imaginar a quantidade de poder latente que possui um diminuto gérmen de vida, até que se manifeste no plano físico.

Os antigos pensadores da Índia explicavam o destino das almas humanas através da lei do karma que fundamentou a teoria da transmigração. Sustentavam que as almas humanas estão atadas a esta lei irresistível e não podem livrar-se dela; seus pensamentos e ações são as causas que produzem resultados de natureza semelhante. De modo que seu nascimento futuro não depende de sua escolha caprichosa e livre, mas que está limitado pelos pensamentos, ações e feitos de suas vidas anteriores. Na idéia platônica vimos que as almas vão segundo sua escolha. Podem não tomar uma forma humana, se preferirem uma forma animal, mas, na ideia hindu da reencarnação descobrimos que isso não é o resultado de livre escolha e que nossos pensamentos e atos nos forçam a tomar uma forma particular, pois estamos sujeitos a lei do karma, que governa nosso nascimento futuro e a evolução de nossas almas. Por consequência, a teoria hindu da reencarnação difere fundamentalmente da teoria platônica e da ideia egípcia da transmigração. Nas teorias platônica e egípcia a alma, depois de abandonar o corpo, entra em um novo corpo que está aguardando para receber a alma que migra, mas, na teoria hindu da reencarnação o corpo não aguarda para receber a alma que migra, mas que, pelo contrário, a alma, ao estar sujeita às leis da evolução, manufatura o corpo material segundo seus desejos e tendências. Assim como um

gérmen de vida desenvolverá uma forma mais grosseira mediante subdivisão celular, mediante crescimento e mediante assimilação das condições ambientais, de igual modo o gérmen da alma humana manufaturará o corpo mediante obediência às leis que governam o plano físico. Os pais não são senão canais através dos quais as almas que migram recebem suas formas materiais. Os pais não criam as almas, pois não têm poder para criar. Só fornecem as condições apropriadas e necessárias para a manifestação de um corpo humano. As almas chegam com suas tendências, com seus desejos e permanecem como germens de vida, que contêm forças vitais, faculdades sensoriais, faculdades psíquicas e partículas etéreas de matéria. No momento da morte, a alma se contrai e recolhe todos seus poderes dos órgãos sensórios até seu centro mais interior e nesse estado, abandona seu corpo. Mas estes poderes não abandonam a alma. Pela lei da persistência da força e conservação da energia, permanecem latentes nesse centro até que as condições ambientais se tornem favoráveis para sua nova manifestação. O renascimento significa a manifestação dos poderes latentes que existem no gérmen de vida, ou alma individual. Estes germens de vida recebem diferentes nomes. Leibnitz os chamava mônadas e os cientistas modernos os chamam de bioplasmas ou um nome similar, mas a filosofia vedântica os descreve como corpos sutis. Estes germens ou corpos sutis estão sujeitos à evolução e ao crescimento; surgem das etapas inferiores às superiores de desenvolvimento, do reino mineral através do vegetal, até o animal e, eventualmente, se convertem em seres humanos e seguem progredindo.

Na teoria platônica a ideia de progresso, crescimento ou evolução gradual da alma, desde as etapas inferiores até as superiores da existência, está inteiramente excluída porque, como já disse, a substância migrante é uma quantidade fixa com qualidades fixas, isto é, estas qualidades não mudam e não são afetadas pelo crescimento, nem pela evolução. São quantidades constantes. A fim de diferenciar estas duas idéias, deveríamos chamar a teoria hindu ou vedântica de reencarnação. A teoria hindu ou vedântica da reencarnação, sem dúvida, não é a mesma que a teoria budista do renascimento, pois os budistas não crêem na permanência da entidade alma. Há outro ponto no qual a teoria da reencarnação difere da transmigração platônica. Segundo a teoria da reencarnação, há crescimento e evolução de cada alma individual das etapas inferiores até as etapas superiores de desenvolvimento. A alma, ou gérmen da vida, assim que passa através das etapas inferiores, chega ao plano humano e ganha experiência e conhecimento; e assim que chega ao plano humano, não retrocede aos corpos animais. A teoria platônica ensina que as almas humanas migram dentro de corpos animais ou corpos angelicais e regressam do angelical ao humano ou animal e que algumas preferem se converter em animais; enquanto que a teoria da reencarnação, apoiando-se na verdade científica da evolução gradual, ensina que as almas humanas já passaram através de diferentes graus do reino animal, ou melhor dito, do reino vegetal, mediante o processo natural da evolução. Após ter recebido uma vez o organismo humano, por que uma alma haveria de escolher regressar ao organismo inferior e mais imperfeito de um animal? Como é possível para uma manifestação menor ocupar uma maior? Por que uma manifestação maior haveria de escolher formas mais limitadas, em preferência a de outras? Esta questão se suscita na teoria platônica da transmigração. Portanto, a teoria da reencarnação, ou a teoria da transmigração, segundo os hindus, rechaça esta ideia do retrocesso das almas humanas a formas animais. No processo evolutivo já atravessamos o grau inferior dos organismos animais. Agora que os superamos em crescimento, por que deveríamos retroceder a eles?

Certamente, é certo que na Índia há muitas pessoas sem educação, entre os hindus, que crêem que as almas humanas migram dentro de corpos animais, depois da morte, para ganhar experiência e colher os resultados de suas perversas ações, estando atados pela lei do karma; mas na teoria platônica, a lei de karma não interpreta papel algum na transmigração das almas. Certamente as mentes educadas e reflexivas da Índia aceitam a teoria mais racional e científica da reencarnação. Embora haja passagens das escrituras hindus que aparentemente se referem à regressão da alma humana dentro da natureza animal, contudo, tais passagens não significam necessariamente que as almas sejam obrigadas a tomar corpos animais. Podem viver como animais, embora tenham corpos humanos, como podemos encontrar, entre nós, muitas pessoas que parecem gatos, cachorros e víboras com formas humanas e que, no entanto, são mais viciosos que os gatos, cachorros ou víboras naturais, estão colhendo seu próprio karma e manifestando sua natureza animal, embora fisicamente pareçam seres humanos. Este gênero de regressão é possível para quem, depois de alcançar o plano humano, vá para trás por causa dos pensamentos e ações perversas praticadas no plano animal. Tal regressão temporária aporta conhecimento e lhe ajuda em seu progresso para diante, depois das manifestações de poderes superiores no plano superior da consciência. Todos os pensamentos perversos e todas as ações perversas não são senão os resultados de nossos próprios erros. O quê é o pecado? O pecado não é nada mais que um erro e procede da ignorância. Por exemplo, se eu não sei que o fogo queima, posso pôr meu dedo nele e queimar-me. O resultado desse erro é que queimei meu dedo e isto me ensinou, de uma vez por todas, que o fogo queima; nunca mais colocarei meu dedo no fogo. De modo que cada erro é um grande mestre. Ninguém nasce tão grande e perfeito a ponto de não cometer nenhum erro ou pecado. Cada erro abre nossos olhos para a lei que rege o universo, apontando-nos resultados que não desejamos. Como uma só vida não é suficiente para adquirir experiência em todas as etapas da evolução, devemos admitir a doutrina da reencarnação da alma para a realização da finalidade última da vida terrena; o professor Huxley disse: “Ninguém, salvo os pensadores apressados, a desprezaram sobre a base de um absurdo inerente. Como a própria doutrina da evolução, a doutrina da reencarnação tem suas raízes no mundo da realidade”.